

Bancos credores assinam pacote de US\$ 31 bilhões para o Brasil

NOVA YORK —

Os bancos credores do Brasil aceitaram um plano para reescalonamento dos pagamentos da dívida externa do País com vencimento em 1985 e 86 e para concessão de créditos interbancários e comerciais,



William Rhodes

anunciou ontem o Coordenador do Comitê Bancário que assessora a dívida externa brasileira e Vice-Presidente do Citibank, William Rhodes. Segundo Rhodes, 95 por cento das 750 instituições credoras assinaram o pacote, no total de US\$ 31 bilhões (Cz\$429 bilhões) dos quais US\$ 6 bilhões (Cz\$ 83 bilh-oes) se referem à reestruturação da dívida vencida em 1985, US\$ 9,5 bilhões (Cz\$ 131 bilhões) ao refinanciamento do débito a vencer em 86 e US\$ 15,5 bilhões (Cz\$ 215 bilhões), a créditos interbancários e comerciais. O Brasil pagará taxas de juros inferiores às que estavam em vigor até agora.

Os vencimentos de 1985 e 86 serão pagos em sete anos e os juros foram fixados em 1,125 ponto percentual sobre a taxa

interbancária de Londres (libor), o que permitirá ao País economizar US\$ 300 milhões (Cz\$ 2,71 bilhões). Os juros que vigoravam eram de quase dois pontos sobre a Libor.

A cerimônia formal de assinatura do pacote foi realizada em Nova York no dia 25 de julho, mas era necessária a adesão, até ontem, de 95 por cento dos bancos, para que o acordo entrasse em vigor. As medidas do pacote são provisórias e o objetivo é permitir ao Brasil superar suas dificuldades até que seja acertado um acordo de refinanciamento plurianual. A dívida externa do Brasil supera os US\$ 100 bilhões (Cz\$ 1,38 trilhão) e suas obrigações com o sistema bancário somam US\$ 66 bilhões (Cz\$ 913,44 bilhões).

● ADIAMENTO — O Governo mexicano "surpreendeu os bancos" seus credores, ao solicitar que prorroguem o prazo para pagamento dos juros, segundo a edição de ontem do "The Wall Street Journal". O México é o primeiro país a pedir não só o adiamento do pagamento do principal de sua dívida — de US\$ 98 bilhões —, mas também dos juros. A primeira reação desses bancos foi dizer que os mexicanos "ficaram loucos".